

ECOFEMINISMO ESPIRITUALISTA E ECOSOFIA: SOBRE O PENSAMENTO COMPREENSIVO E O REENCANTAMENTO DO CONHECIMENTO¹

Patricia S. Machado

Doutoranda e mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp)

Licenciada em Filosofia pelas Faculdades Claretianas

E-mail: foxmachado@gmail.com

RESUMEN

La supremacía del paradigma moderno —basado en el patriarcalismo, en la lógica de la dominación y en el racionalismo— viene de forma progresiva siendo desafiada por una perspectiva holística, compleja e integrativa del acto de pensar científicamente. Se trata de un modo de pensar en que están incluidos los saberes de la naturaleza y la capacidad imaginativa/mítica del ser humano, pero que no excluye la racionalidad. Unir, agregar y comunicar son algunas características relacionadas a la comprensión y también al pensamiento comprensivo como método. La propuesta de este ensayo es compartir las ideas del Ecofeminismo espiritualista (de Vandana Shiva) y de la Ecosofía (de Michel Maffesoli) —ambos ofrecen posibilidades teóricas para un reencantamiento del conocimiento y la comprensión de los fenómenos socioculturales y comunicativos en la contemporaneidad.

Palabras clave: Comunicación, comprensión como método, ecosofía, ecofeminismo espiritualista, imaginario social.

RESUMO

A supremacia do paradigma moderno —baseado no patriarcalismo, na lógica da dominação e no racionalismo— vem de forma progressiva sendo desafiada por uma perspectiva holística, complexa e integrativa do ato de pensar científicamente. Trata-se de um modo de pensar em que estão incluídos os saberes da natureza e a capacidade imaginativa/mítica do ser humano, mas que não exclui a racionalidade. Unir, agregar e comunicar são algumas características relacionadas à compreensão e também ao pensamento compreensivo como método. A proposta deste ensaio é compartilhar as ideias do Ecofeminismo espiritualista (de

¹ Texto originalmente apresentado como trabalho final do curso “Metodologia da Pesquisa em Comunicação II”, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), ministrado pelo Prof. Dr. Dimas A. Künsch no primeiro semestre de 2018.

Vandana Shiva) e da Ecosofia (de Michel Maffesoli) —ambos oferecem possibilidades teóricas para um reencantamento do conhecimento e a compreensão dos fenômenos socioculturais e comunicativos na contemporaneidade.

Palavras chave: comunicação, compreensão como método, ecosofia, ecofeminismo espiritualista, imaginário social.

ABSTRACT

The supremacy of the paradigm of modernity —based on patriarchalism, on the logic of domination and rationalism— has progressively been challenged by a holistic, complex and integrational perspective on the act of scientific thinking. That is a manner of thinking which includes all lores of nature and the mythical/imaginative capacity of the human being, which does not exclude rationality. Uniting, aggregating and communicating are some of the main features of comprehension and also of comprehension as a method. This essay shares the ideas of spiritual ecofeminism (Vandana Shiva) and Ecosophy (Michel Maffesoli), both of which offer theoretical possibilities for a reenchancement of knowledge and of the comprehension of sociocultural and communicational phenomena in contemporaneity.

Keywords: communication, comprehension as a method, ecosophy, spiritual ecofeminism, social imaginary.

ECOFEMINISMO ESPIRITUALISTA E ECOSOFIA: SOBRE O PENSAMENTO COMPREENSIVO E O REENCANTAMENTO DO CONHECIMENTO

Os saberes não domesticados pela rigidez do conhecimento racionalista civilizatório são como sementes de árvores antigas guardadas como tesouros nas terras criativas e silvestres da imaginação humana. Compartilhado muitas vezes de forma despreziosa e alimentado pelas águas da “bacia semântica” (Gilbert Durand, 2011), o “conhecimento comum” (Michel Maffesoli, 2007) nunca deixou de brotar por meio das brechas presentes no imaginário social e é parte da insubordinação dos corpos, mentes e espíritos dos que ignoram os limites dos dogmas cientificistas.

O jardim dos saberes cotidianos floresce espontaneamente nas rodas de conversas, nas mídias sociais e no imaginário social. Nele acontece um potencial cultivo multipistemológico de frutos que são compartilhados comunitariamente e nutrem as relações manifestas em um mundo que se redescobre cada vez mais multifacetado, cíclico e complexo.

O sociólogo francês Michel Maffesoli (2016, p. 136) chama de “pensamento do ventre” o retorno do humano aos fundamentos relacionados com o “húmus” —a base instintiva, inata e intuitiva da nossa espécie, composta pelas “paixões, emoções e afetos coletivos”. Essa experiência do pensamento fenomenológico de cunho empírico e indutivo contribui para a consequente decadência da isolada “dedução a partir do ‘eu penso’”.

Talvez relacionado ao *Zeitgeist* —o espírito do tempo— contemporâneo, as verdades absolutas progressistas propagadas pelo pensamento moderno, ainda presente, misturam-se com a progressividade do complexo paradigma da pós-modernidade,² e vice-versa. Neste sentido, a Ecosofia de Maffesoli aponta para a necessidade de um cultivo ecológico do pensamento que se relacione com a natureza: corpo e meio ambiente.

Chamada de “a sabedoria da Casa Comum” (Maffesoli, 2017), a Ecosofia é compreensiva, tem um foco multidisciplinar e reúne diversos ramos do conhecimento —Filosofia, Biologia, Economia e Sociologia, entre outros— em diálogo entre si. Complementando a abordagem sistêmica, a comunicação digital também é parte do saber ecosófico de lógica integrativa e relacional.

Na mesma direção compreensiva teórico-metodológica, temos o Ecofeminismo

² Numa perspectiva compreensiva, o termo “pós-modernidade” está de acordo com a visão proposta por Michel Maffesoli. Para ele, a pós-modernidade carrega um sentido cronológico, mas também é um estado de espírito. A pós-modernidade caracteriza-se pela saturação dos valores modernos - o progresso, o racionalismo e o trabalho. Ao mesmo tempo, é na chamada “pós-modernidade” em que se dá o ressurgimento de valores pré-modernos, tais como a importância das emoções, da imaginação e da experiência no aqui e no agora (Maffesoli, 2013, p. 15).

de vertente espiritualista. Um de seus fundamentos é a compreensão de que tudo o que existe está interconectado e se inter-relaciona, sendo esta uma condição essencial para habitarmos este universo.

Para a filósofa, pacifista e ecofeminista indiana Vandana Shiva, a diversidade é uma das chaves para que a cultura não seja uniformizada ou, ainda, transformada em uma grande “monocultura de mentes” (Shiva, 2003). Shiva faz um paralelo entre o plantio mercadológico da agroindústria e a ameaça ao modo de vida e saberes locais. Em 1993, recebeu o Prêmio Nobel Alternativo³ por seu envolvimento nas diversas manifestações contra a produção de transgênicos (Shiva, 2012, s/n).

Vandana Shiva defende que a perspectiva ecofeminista espiritualista oferece um caminho (método), baseado na diversidade, para impedir “a erosão da riqueza ecológica e cultural” (2003, p. 80-81) causada pela homogeneização a partir do saber (ocidental) dominante.

Seguindo então na caminhada, algumas das ideias de Vandana Shiva e Michel Maffesoli serão compartilhadas a seguir, numa conversa em torno do campo teórico-metodológico da compreensão.

Sobre a compreensão como método e o cultivo epistemológico

Nas palavras de Dimas Künsch (2014, p. 115), “uma epistemologia compreensiva não se pauta pela noção de certo ou errado como pares de opostos ou como pontos finais excludentes de uma suposta linha que leva do erro, numa ponta, à verdade, na outra”. Além de que possui uma ligação intrínseca com a ideia de *coincidentia oppositorum* (complementaridade dos opostos) do filósofo do século XV, Nicolau de Cusa (1401-1464). Pois bem, essas qualidades do pensamento compreensivo parecem intimamente relacionadas também com a superação da ideia de um Bem vs. um Mal absolutos.

Minha observação se dá, principalmente, por conta da noção de ciclicidade, mutabilidade e imprevisibilidade da Natureza.

Cíclica, mutável e imprevisível, a Natureza representa o paradoxo da certeza incerta da existência. Não por acaso, a Natureza é a fonte de inspiração para o Ecofeminismo e para a Ecosofia. Não seria essa também uma das faces da essência do pensamento compreensivo?

³ Conhecido também como o Prêmio da Sustentabilidade, o Nobel alternativo foi criado em 1980 para “honrar e apoiar as organizações e pessoas corajosas que propõem soluções visionárias e exemplares para as causas profundas dos problemas globais”. Mais de 170 pessoas e organizações de 69 países já foram agraciadas com o prêmio. Disponível em <<https://www.rightlivelikelihoodaward.org/>> [consultado el 20 sept. 2018].

Para Künsch, a incerteza é um dos princípios da busca permanente pela compreensão, projeto epistemológico “que clama por vigor, mais que por rigor” (Künsch, 2014, p. 116). Ao falar sobre a busca individual ou coletiva pelo conhecimento, o autor lembra que “o erro, as inseguranças, as incertezas e os devaneios, as idas e vindas” fazem parte da jornada e que não há garantias de que o herói sempre retornará de sua jornada com o elixir da bem-aventurança (Künsch, 2014, p. 114). O mesmo vale para o cultivo ecológico do conhecimento.

Para além ou aquém da certeza pretensamente absoluta, existe uma enorme gama de possibilidades: arriscar, ousar, duvidar, acreditar, questionar, errar, acertar, tentar. O cultivo epistêmico compreensivo é desafiador, mas está aí, talvez, o seu maior atrativo e potencial. Potência que parece ser cada vez mais necessária para as pesquisas sobre os fenômenos da contemporaneidade, incluindo os muitos questionamentos sobre os variados saberes humanos e nossa relação com a Terra.

Desendeusamento da Natureza

No início do século XX, o sociólogo alemão Max Weber (1864-1920), ao observar o que ele chamou de processo de “desencantamento do mundo”, sugeriu que a deslegitimação da religião mágica/mítica causou uma lacuna na tentativa de compreender a vida, a morte e os mistérios da existência terrena e também metafísica. Antônio Flávio Pierucci (2013, p. 30) diz que uma das possíveis inspirações de Weber para formular a noção de desencantamento pode estar na obra de Friedrich Schiller. O filósofo e poeta alemão cunhou a expressão “desdivinização”, ou ainda “desendeusamento da natureza”⁴ ao constatar que a modernidade desconsiderou a sacralidade da Natureza e afastou o ser humano da terra.

O deus celeste e patriarcal da mitologia social abraâmica imposta a todo o Ocidente (Campbell, 1991, p. 37) ordenou que o “homem”⁵ dominasse sobre todas as coisas e seres (incluindo a mulher e a Natureza). Já o racionalismo científico androcentrado determinou a supremacia da razão sobre a Natureza e a subjugação do corpo e do espírito humanos. A mente racionalista se autodeclarou o novo centro criativo da existência. Porém, apesar da mesma estrutura baseada na “Lei do Pai” (Maffesoli, 2010), a modernidade excluiu a religiosidade e a mística do território conquistado.

Como um autodeclarado “*deus ex-machina*”⁶, o racionalismo julgou ter as

⁴ Tradução livre do alemão *Entgötterung der Natur* (Pierucci, 2013, p. 30).

⁵ Não será usado o termo “o homem” na parte autoral do texto, visto que o mesmo não inclui o gênero feminino na definição de espécie humana. Julgo que a opção mais adequada em um trabalho com teor integrativo é “o ser humano”.

⁶ Tradução latina para a frase grega que significa literalmente “um deus originado a partir da

respostas para tudo. Tal ciência tem uma relação intrínseca com o patriarcalismo, o individualismo e a lógica da dominação antropocentrada. Ao longo dos últimos trezentos anos —e com o intuito de preservar sua supremacia—, esse modelo de pensamento criou estratégias para deslegitimar outras possibilidades de compreender o mundo de forma mais complexa. Seguindo a estratégia baseada na lógica do “*divide et impera*”, encontrou meios para garantir que a visão dicotômica se tornasse uma regra (supostamente) universal.

Mente vs. corpo, luz vs. trevas, masculino vs. feminino, Cultura vs. Natureza, material vs. espiritual, verdadeiro vs. falso, razão vs. emoção: o dualismo fragmenta, desconecta e dificulta a compreensão mais profunda sobre si, sobre o outro e sobre o mundo que nos rodeia. Negou-se a diversidade para privilegiar a (re)produção padronizada, controlada e linear que não respeita a criatividade, os ritmos e os ciclos da Terra e também da Alma humana.

Maffesoli enfatiza que as raízes do paradigma moderno são a separação, a dominação e também “o mito do Progresso” (2010, p. 71). E isso tem relação direta com o contexto sócio-histórico em que esse paradigma é formulado. Edgar Morin diz que a ciência moderna —nascida da “efervescência” cultural, econômica, política e social da Renascença— foi aos poucos se transformando numa “tecnociência” ainda presente no centro das sociedades e instituições (2005, p. 9). Uma das consequências foi a negação, deslegitimação e exclusão de muitos saberes tradicionais da Terra, e também a imposição de limites para as novas disciplinas dialógicas e cosmológicas, tal com a Ecologia.

Para Morin (2005, p. 9), a Ciência em essência é mais que simples “técnica”, pois é intrinsecamente complexa —ética, sociológica e histórica— e se caracteriza por sua multidimensionalidade, imaginação e ambivalência. Essa reflexão parece dialogar com as questões sobre a ruptura (crise) científica no multifacetado e “caórdico”⁷ século XXI.

Maffesoli (2016, p. 20) fala sobre “a saturação de um saber absoluto, seguro de si e dominador. Saber fundamentado na Razão soberana, ela própria forma profana de um Deus Uno”. Saturada, mas ainda presente, a perspectiva positivista convive agora com visões compreensivas e complexas de se pensar a própria racionalidade integrada ao espírito, tais como a Ecosofia e o Ecofeminismo espiritualista, de que estou tratando aqui.

máquina”. Além disso, nos estudos sobre o cinema, o *deus ex machina* é o nome dado a uma solução sem sentido ou explicações no roteiro e destino dos personagens.

⁷ Modelo organizacional concebido pelo fundador da administradora de cartões de crédito Visa, Dee Hock, na década de 1990, que compreende o caos e a ordem simultaneamente em sua estrutura. Escolhi usar o neologismo para indicar a visível característica complexa do mundo contemporâneo.

Epistemologia feminista e a insubordinação feminina

Conta-se que Lilith —deusa para alguns e demônio para outros— rejeitou a submissão e, por conta disso, foi expulsa do paraíso idealizado pelo deus patriarcal. Eva cedeu aos encantos da serpente⁸ e desobedeceu às normas impostas pelas limitantes (e misóginas) regras do Éden monoteísta, sendo também expulsa, junto com toda a humanidade. Os mitos mostram que a insubordinação feminina sempre ameaçou o pensamento único; e o feminismo, em seu fundamento, tem o mesmo potencial transformador.

Maria Mies, socióloga e feminista alemã, ao discorrer sobre as origens da perspectiva feminista de investigação científica, indica que sua estrutura epistemológica não surgiu por meio dos estudos acadêmicos ou de “invenções formuladas em institutos especializados” (Mies; Shiva, 1993, p. 53-54).

A ancestralidade do feminismo, na visão dessa autora, emerge das ruas, durante o racionalista e androcentrado século XIX, a partir da reunião de diversificados grupos de mulheres.⁹ Mies também cita que esses grupos eram formados por “donas de casa, estudantes e secretárias”, e também por algumas cientistas sociais, as quais, enfatizo, conseguiram superar as fronteiras impostas pela hegemonia acadêmica masculina.

Além dessas, eu incluiria as artistas, as esposas, as cortesãs, as operárias e toda mulher na qual o que chamarei aqui de “arquétipo primitivo da questionadora” se manifesta. Desde os mitos de Lilith e Eva, a “questionadora” pode ser identificada na expressão do potencial crítico de mulheres no decorrer de toda a história humana. O Feminino e o conhecimento feminista são diversificados e plurais na essência.

Essa “primeira onda feminista” tinha um objetivo claro: libertar as mulheres da opressão patriarcal. O interessante é que, conforme as vozes das mulheres eram ouvidas e os saberes femininos escavavam as ciências, mais e mais se retiraram os véus que cobriam as evidências históricas escondidas pela perspectiva androcentrada dominante. As transformações sociais e culturais no decorrer dos séculos XX e XXI mostram que as mudanças foram muito além das questões do gênero feminino.

⁸ Diferentemente da representação na mitologia abraâmica, a serpente é um símbolo da sabedoria, da fecundidade, da medicina e energia criativa e do feminino em muitas culturas, tais como apresentam as obras de Mircea Eliade (1998) e Françoise D’Eaubonne (1976). A serpente também possui conexões com muitas divindades ctônicas, ou seja, terrenas, tais como: a cretense Deusa das Serpentes, o deus azteca Quetzalcoatl, personificação da serpente-emplumada do panteão pré-colombiano, e também Ophion, serpente companheira da deusa grega pré-helênica, Eurínome.

⁹ Um bom exemplo é o movimento sufragista pelo voto feminino, ocorrido no final do século XIX, e que fez parte da “primeira onda” do Feminismo.

As mulheres são a maioria no ativismo das causas humanitárias e dos movimentos pela preservação dos recursos da Terra. O mesmo vale para o resgate, construção e compartilhamento dos saberes que desafiam o paradigma científico moderno. Uma das múltiplas vertentes do movimento feminista relaciona-se diretamente com essa perspectiva: o Ecofeminismo espiritualista.

Ecofeminismo e biodiversidade de saberes

Ecofeminismo: um termo novo para um saber antigo. É assim que as autoras Vandana Shiva e Maria Mies descrevem, em *Ecofeminismo* (1993), o movimento feminista ambientalista nascido no Norte do planeta na década de 1970. Há uma distinção entre os movimentos ambientalistas e o Ecofeminismo, pois, como diz Manuel Castells (apud Patricia Santos Machado, 2016, p. 39), este “é claramente distinto das ‘táticas machistas’ encontradas em alguns destes movimentos”. As preocupações ecofeministas básicas reúnem a necessidade de pensarmos (e agirmos) para a superação do desequilíbrio em relação ao Feminino (no micro e no macro) causado pela dominação androcêntrica.

Segundo Anne-Line Gandon (2009, p. 5), o termo foi introduzido pela antropóloga Françoise d’Eaubonne, em 1972, a partir da contração das palavras “ecologia” e “feminismo”. A compreensão (no sentido de união) entre os dois campos teóricos faz com que o Ecofeminismo – um saber sistêmico, orgânico, aberto e complexo —desafie as bases do paradigma moderno. Não linear nem unidimensional, a existência é compreendida como uma grande teia de inter-relações, ou seja, tudo está interligado ou, ainda, conectado. Nesse sentido, não seria o Ecofeminismo uma possibilidade de um “feminismo compreensivo”?

O Ecofeminismo se fez notar a partir do movimento indiano de “Chipko” que, em sânscrito, significa “abraçar”. Ocorrido no final da década de 1970 e baseado na resistência não violenta propagada por Mahatma Gandhi, as mulheres de Uttar Pradesh, na região indiana dos Himalaias, iniciaram um movimento em que abraçaram as árvores de uma floresta de carvalhos para protegê-las da destruição programada pelo avanço industrial apoiado pelo governo. Em pouco tempo, toda a comunidade se uniu ao protesto pacífico. O bosque, considerado sagrado pela comunidade, não foi destruído, e os saberes da comunidade foram preservados.

Vandana Shiva participou do movimento de Chipko. Para ela, “o ecofeminismo é colocar a vida no centro da organização social, política e econômica” (Shiva, 2012). Dessa forma, podemos dizer que essa vertente espiritualista do Ecofeminismo se alinha com a Ecologia Social. Na opinião de Ynestra King (apud Di Ciommo, 1999, p. 140), a Ecologia Social, apesar de muito útil, sem o Feminismo se torna incompleta.

Para Shiva, o mundo vai além da matéria bruta e é abundantemente feito por

várias formas de vida e diferentes níveis de matéria, incluindo aquelas que são não-visíveis e em constante mutação. Ela questiona também a visão mecanicista e fragmentada da modernidade, “que trata as coisas como simples átomos, fragmentos de matéria” que deveria ter sido enterrada há cem anos, pois simplesmente não faz sentido. Afinal, “não existe nada no universo que seja um átomo imutável” (Shiva, 2013, s/n).

Para o Ecofeminismo, as muitas formas de violência contra a mulher possuem relações intrínsecas com os abusos sofridos pela Terra, considerada um organismo vivo. Porém, o diferencial da vertente espiritualista é que a Terra é tida também como uma divindade. Chame-a de Gaia (grega, do Norte) ou Pachamama (andina, do Sul), a Terra é sagrada e feminina em essência; e as mulheres, em muitos dos casos, são as principais guardiãs de conhecimentos que integram o mundo natural ao espiritual. Fenômeno ainda presente no cotidiano de regiões ao Norte ou ao Sul, as avós são as mensageiras de saberes ancestrais, tais como as rezas de benzimento ou, ainda, de práticas religiosas que reúnem o sagrado e profano, espírito e matéria.

A noção de espiritualidade ecofeminista se baseia nas inter-relações entre tudo e todos, incluindo o si mesmo. A distinção entre sagrado e profano não faz sentido na visão ecofeminista, o que a aproxima das expressões do xamanismo e das religiões arcaicas e panteístas que figuram em todo o mundo. O sagrado e o profano se misturam, e isto nos faz pensar que a própria noção de sacralidade na perspectiva ecofeminista também seja compreensiva.

Universidade da Terra e ecologia dos saberes

Com base em múltiplos saberes, as ideias de Vandana Shiva são compartilhadas por meio de seus livros, palestras e entrevistas — muitas delas disponibilizadas nas mídias sociais — e estimulam reflexões e ações sobre a necessidade de cultivarmos organicamente a diversidade no mundo contemporâneo. Ela também propõe que tanto a uniformidade como a diversidade, além de maneiras de lidar com a terra, são modos de pensar e de viver. A monocultura produz homogeneização e uniformização. Já a diversidade natural e a diversidade cultural correspondem uma à outra e são colocadas como fontes de riqueza (Shiva, 2003, p. 17).

Shiva transita pelos mundos acadêmicos mais formais do Sul e do Norte. No ensaio “O sistema de saber enquanto sistema de poder”, apresentado na Unu-Wider,¹⁰ ela descreve a estratégia sequencial da produção das monoculturas das mentes: ocupar as mentes, ocupar o solo e causar a destruição das culturas

¹⁰ Sigla para United Nations University World Institute for Development Economics Research. A Universidade das Nações Unidas foi criada para incentivar as pesquisas interdisciplinares para a criação de análises econômicas e assessoria política visando o desenvolvimento sustentável e equitativo para todos, principalmente para os mais pobres. Disponível em <<https://www.wider.unu.edu/about>> [consultado el 21 sept.2018].

por meio de um suposto desenvolvimento baseado em progresso, crescimento e melhoria material (Shiva, 2003, p. 17).

Ademais, o trabalho de Vandana Shiva é integrativo, pois o teórico e o empírico são indissociáveis. Ela é uma das fundadoras da Bija Vidyapeeth - Earth University, um centro de aprendizado que faz parte do Navdanya Biodiversity Conservation Farm, localizada nas proximidades dos Himalaias. Na universidade, a Natureza é a fonte da sabedoria e a maior das professoras. Os saberes sobre a agricultura orgânica e o conhecimento ancestral para lidar com a terra são compartilhados principalmente pelas mulheres da comunidade.¹¹ Shiva (2003, p. 19) diz que “a diversidade enquanto modo de pensar levaria a um tratamento mais justo e equitativo das contribuições do Norte e do Sul”.

Impossível não se lembrar das ideias do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos. Ele diz que a “ecologia dos saberes” envolve um “interconhecimento” e uma “diversidade epistemológica do mundo”. Além disso, a ecologia dos saberes é também contra-hegemônica, assim como o Ecofeminismo —referenciais teóricos tratam também de dar conta de uma “consistência epistemológica ao pensamento pluralista e propositivo” (Santos, 2007, p. 87). Um dos objetivos da ecologia dos saberes é a superação da supremacia da razão dogmática baseada na crença absoluta na ciência moderna e do domínio de uma noção única de epistemologia do Norte¹² do planeta.

Abordagens como essas vêm contribuindo para a recuperação da riqueza dos conhecimentos encobertos pelo cinza industrial. No entanto, estabelecer uma ecologia de saberes que vá além da separação entre o Sul e o Norte contribui para que as monoculturas (agrícolas ou de mentes) sejam realmente questionadas. Seja na Índia (ex-colônia britânica), seja na rural, mística e pobre região Norte de Portugal (país “ex-colonizador”)

Invaginação do sentido e retorno de Dioniso

Maffesoli desenvolveu e vem ministrando ao redor do mundo a disciplina a que ele denominou Ecosofia. Optando sempre pelo “caminho do meio” em suas reflexões, o pesquisador propõe a Ecosofia como uma alternativa para a mudança do paradigma moderno, especificamente do progressismo para o progressivo. Estruturas rígidas estão isoladas nos “porquês” das coisas e, consequentemente, não suportam as perspectivas holísticas, complexas e que buscam o “como” no processo de compreensão das coisas (Maffesoli, 2011b, p. 317).

¹¹ Disponible en: <<http://www.navdanya.org/earth-university>>[consultado el 27 jul.2018].

¹² Penso que é importante dizer que esse “Norte” é bastante específico e pode ser relacionado aos países autoproclamados como “desenvolvidos”, sob a regência da lógica industrial e que têm como mola motriz a submissão/marginalização da noção campesina de existência.

Para Maffesoli, o mito do progresso —ou, ainda, a ideologia do progressismo— não faz mais sentido nem possui espaço num mundo em que há outro clima espiritual e outra sensibilidade no cotidiano. Ademais, aponta para uma via em que possa ainda haver desenvolvimento tecnológico, porém saudável. *Apokatastasis*, um retorno de algo vindo do passado ou o restabelecimento de um tempo anterior, mas não exatamente um retorno ao passado (Maffesoli, 2010, p. 81). Para além de uma nostalgia romanceada, uma direção mais complexa, através de uma ideia de progressividade.

Ao comentar do que se trata a Ecosofia, Maffesoli (2011a, s/n) traz a noção de “invaginação do sentido” que, segundo ele, envolve a “feminilização” do mundo, um retorno ao útero da Terra Mãe. Sincronicamente, o Ecofeminismo espiritualista dialoga com tal noção, pois ambos sugerem uma relação flexível e intuitiva, mais sustentável com a Terra, tanto prática como intelectual. Uma sabedoria que envolve não só as coisas concretas, mas também a inserção de uma espiritualidade que integre o Feminino, não apenas para as mulheres, mas que estimule “uma certa contaminação dos homens pelos valores femininos” (Maffesoli, 2011c, s/n).

Esses valores femininos não compreendem somente qualidades como o acolhimento, o cuidado, a compaixão e a sensibilidade, mas também as noções de comunidade e de ciclicidade. A ciclicidade tem ligações diretas com as características da dimensão dionisiaca do imaginário (Maffesoli, 2010): trágicas, passionais, instintivas, não domesticadas.

A dimensão dionisiaca nos leva ao mito grego de Dioniso, divindade que traz um elemento bastante interessante para a discussão sobre a feminilização do mundo. Distinto de todos os outros deuses gregos, ele representa o masculino que está integrado às mulheres e à Natureza. Conhecido como “o deus das mulheres”, Dioniso não só é descrito como rodeado por elas, mas também tem características cíclicas e selvagens: nasce, morre e renasce a cada ano, dando referência sobre a integração harmoniosa com a ciclicidade.

A saga dionisiaca traz também um significado em linguagem mítica da “invaginação do sentido”: um retorno ao que é essencial na Natureza, a potência selvagem, ingresso ao ventre, a fecundidade, complementaridade. Isso tudo é também parte da Ecosofia, inclusive a reinserção do mito como via para a compreensão do mundo.

Apesar do paradigma moderno da dominação masculina e da escravidão da Natureza, Maffesoli (2010, p. 82) enfatiza que “o homem (sic!) não mais separa, parte em pedaços a realidade para tornar-se mestre e senhor dela, mas é um ser humano em sua inteireza, reencontra com a especificidade e o aspecto fecundador da matriz”.

Reencantamento do cotidiano e potência das sementes compreensivas

A ciência cotidiana está presente nas histórias contadas pelas avós, na tecnologia da agricultura familiar, na gastronomia dos fogões a lenha, na religiosidade popular que mistura deusas primitivas às santas católicas, no tempo visto como cíclico e na noção de comunidade. Fenômenos e características similares serão encontrados nos interiores dos países (e na alma das pessoas) do Norte ou do Sul.

No entanto, esses saberes vêm recuperando terreno no imaginário e nas práticas do mundo urbano, e a tecnologia é uma das grandes aliadas nesse processo. Talvez uma ironia, a tecnologia é um dos elementos imprescindíveis para esse retorno dos aspectos arcaicos do imaginário humano, e o mundo pós-moderno é o cenário em que se dá essa sinergia entre o material e o espiritual. Os estudos sobre a Comunicação Digital¹³ constituem um dos campos da Ecosofia por onde se pode acessar “não mais ‘um outro mundo’, mas sim ‘um mundo outro’” (Maffesoli, 2015, s/n).

Esse “mundo outro” é acessado por meio das inúmeras mídias sociais e plataformas da internet por onde também são compartilhados conteúdos e múltiplos saberes potencialmente envolvidos no “reencantamento” do mundo e, também, do conhecimento. Maffesoli aponta que, para o melhor e para o pior, a vivência na pós-modernidade propicia a recuperação do ideal comunitário e um fortalecimento do “laço societal” em que a relação com o outro é enfatizada.

São, de fato, vários os fenômenos que são semeados através da comunicação nas mídias digitais, tais como as hortas urbanas, o consumo de alimentos saudáveis, o (re)conhecimento de saberes tradicionais e um amplo interesse pelo criativo “bem-viver” dionísio. Mesmo que sutilmente, há também uma profusão de expressões espiritualistas plurais, incluindo as que compreendem uma experiência com o Sagrado que também valoriza o feminino. Manifesta-se uma aparente busca pelo reencantamento do cotidiano que também um ritmo harmonioso, que deixe a vida mais orgânica.

Esses fenômenos parecem ter relações com a possibilidade de uma perspectiva científico-ecológica para além das dicotomias, que seja, em essência, complexa. Uma (cons)ciência sobre como se inter-relacionam os diversos conhecimentos e saberes que compõem a rica pluralidade cultural planetária.

Com características aparentemente caóticas para os olhares mais “formais”, as epistemologias de caráter compreensivo se assemelham aos assimétricos jardins ingleses ou aos multicoloridos quintais das avós, mas também encontram formas de frutificar na topiaria geometricamente pensada dos clássicos jardins franceses.

¹³ Destaca-se o Centro de Pesquisa Atopos (ECA/USP), coordenado pelo Prof. Dr. Massimo de Felice. Suas pesquisas e produções estão diretamente ligadas ao campo da Ecosofia.

Plenas de ousadia, insubordinação e complexidade, as sementes inspiradoras do Ecofeminismo espiritualista e da Ecosofia carregam em si a potência compressiva do sentir, do viver e do conviver. Este texto buscou contribuir na sementeira de um jardim epistemológico em que, potencialmente, o reencantamento do conhecimento floresce.

A Ecosofia e o Ecofeminismo espiritualista, assim como o pensamento compreensivo, buscam a quebra das dicotomias através da realização de um *hierosgamos* (casamento sagrado para os gregos): a razão e a imaginação, feminino e masculino, luz e sombra, o apolíneo e o dionisiaco, o sagrado e o profano.

Reciclar, integrar, reintegrar de forma complexa e orgânica o que o racionalismo moderno desprezou para, potencialmente, compreender o real de forma ampla, plena e holística. A razão compreensiva, sem dispensar a racionalidade, intui/pensa o mundo para além da linearidade e da fragmentação típicas do dogmatismo da ciência moderna.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. 1991. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena.

CASTELLS, Manuel. 2013. *O poder da identidade*. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra.

DI CIOMMO, Regina Célia. 1999. *Ecofeminismo e Educação Ambiental*. São Paulo: Editorial Cone Sul.

DURAND, Gilbert. 2011. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. 5a. ed. Rio de Janeiro: Difel.

GANDON, Anne-Line. 2009. L'écoféminisme: une pensée féministe de la nature et de la société. *Recherches féministes*, vol. 22, n. 1, p. 5–25. Disponible en: <<https://bit.ly/2D0OeCb>> [consultado el 25 de agosto 2018].

KÜNSCH, Dimas A. 2014. A comunicação, a explicação e a compreensão: ensaio de uma epistemologia compreensiva na comunicação. *Líbero – São Paulo – v. 17, n. 34, p. 111-122*. Disponible en: <<https://bit.ly/2OncXBT>> [consultado el 25 de agosto 2018].

MACHADO, Patricia Santos. 2016. *A Mulher além do Bem e do Mal: Malévola e a representação cinematográfica do feminino integrado*, 149 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

- MAFFESOLI, Michel. 2017. Ecosofia: sabedoria da Casa Comum. *Revista FAMECOS*, v. 24, n. 1. Disponible en: <<https://bit.ly/2xldTzB>> [consultado el 3 de agosto 2018].
- MAFFESOLI, Michel. 2016. *A ordem das coisas: pensar a pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- MAFFESOLI, Michel. 2015. Michel Maffesoli e o Homo eroticus pós-moderno: “Voltamos ao que o racionalismo moderno eliminou”. Entrevista concedida a José Castello. *Fronteiras do Pensamento*, Online. Disponible en: <<https://bit.ly/2OoAVgf>> [consultado el 20 de agosto 2018].
- MAFFESOLI, Michel. 2013. Michel Maffesoli: a pós-modernidade se orienta para “algo de anarquista”. Entrevista concedida a Eduardo Portanova Barros. *Em Questão*, v. 24, n. 3, p. 12-19. Disponible en: <<https://bit.ly/2xGGsI1>> [consultado el 10 de jul. 2018].
- MAFFESOLI, Michel. 2011a. Entrevista concedida a Cristina Tavelin. *Ideia Sustentável*, Online. Disponible en: <<https://bit.ly/2xjqzXx>> [consultado 18 de jul. 2018].
- MAFFESOLI, Michel. 2011b. Algumas notas edificantes e curiosas escritas para o uso daqueles que querem pensar o mundo tal como ele é. *Revista FAMECOS*, v. 18, n. 2, p. 312-326. Disponible en: <<https://bit.ly/2NNFtjg>> [consultado 20 de jul. 2018].
- MAFFESOLI, Michel. 2011c. Por um retorno à terra-mãe. Entrevista concedida a Andrei Netto. *Estadão*, Online. Disponível em: <<https://bit.ly/2MB9VIG>> [consultado el 25 de agosto 2018].
- MAFFESOLI, Michel. 2010. *Saturação*. São Paulo: Iluminuras.
- MAFFESOLI, Michel. 2007. *O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva*. Porto Alegre: Sulina.
- MIES, Maria; SHIVA, Vandana. 1993. *Ecofeminismo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MORIN, Edgar. 2005. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- MORIN, Edgar. 2003. A Comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação). *Revista FAMECOS*, v. 10, n. 20, p. 7-12. Disponible en: <<https://bit.ly/2NJPQVa>> [consultado el 20 junio 2018].

PIERUCCI, Antônio Flávio. 2013. *O desencantamento do mundo*. São Paulo: Editora 34.

SHIVA, Vandana. 2013. Entrevista exclusiva. *Fronteiras do Pensamento*. Disponible en: <<https://youtu.be/R-oGus9EWRk>> [consultado el 20 junio 2018].

SHIVA, Vandana. 2012. Ecofeminismo é colocar a vida no centro da organização social, política e econômica, afirma Vandana Shiva. Entrevista concedida a Marcé Rivas Torres. *Revista IHU*, Online. Disponible en: <<https://bit.ly/2OMg5Ym>> [consultado el 23 sept. 2018].

SHIVA, Vandana. 2003. *Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. São Paulo: Editora Gaia.

SANTOS, Boaventura de Sousa. 2007. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos estud. - CEBRAP*, São Paulo, n. 79, p. 71-94. Disponible en: <<https://bit.ly/2Mz04Dh>> [consultado el 28 jul. 2018].